

SOBRE O TRATAMENTO DA MALARIA

80/7 ENC

— N.º 6 — N.º 7

SOBRE O TRATAMENTO

DA

MALARIA

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA Á

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

• POR

Alberto de Queiroz



PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA

112, Rua Formosa, 112

—
1895

80/7 ENC

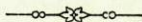
ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

CONSELHEIRO DIRECTOR

Dr. Wenceslau de Souza Pereira de Lima

SECRETARIO O ILL.^{mo} E EX.^{mo} SR.

RICARDO D'ALMEIDA JORGE



CORPO CATHEDRATICO

LENTES CATHEDRATICOS

OS ILL.^{mos} E EX.^{mos} SRS.

- | | |
|--|---------------------------------|
| 1. ^a Cadeira—Anatomia descriptiva e geral | João Pereira Dias Lebre. |
| 2. ^a Cadeira—Physiologia | Antonio Placido da Costa. |
| 3. ^a Cadeira—Historia natural dos medicamentos e materia medica | Dr. José Carlos Lopes. |
| 4. ^a Cadeira—Pathologia externa e therapeutica externa | Antonio J. de Moraes Caldas. |
| 5. ^a Cadeira—Medicina operatoria | Pedro Augusto Dias. |
| 6. ^a Cadeira—Partos, doenças das mulheres de parto e dos recém-nascidos | Dr. Agostinho A. do Souto. |
| 7. ^a Cadeira—Pathologia interna e therapeutica interna | Antonio d'Oliveira Monteiro. |
| 8. ^a Cadeira—Clinica medica | Antonio d'Azevedo Maia. |
| 9. ^a Cadeira—Clinica cirurgica | Eduardo Pereira Pimenta. |
| 10. ^a Cadeira—Anatomia pathologica | Augusto H. Almeida Brandão. |
| 11. ^a Cadeira—Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia | Manoel Rodrigues Silva Pinto. |
| 12. ^a Cadeira—Pathologia geral, semiologia e historia medica. | Illidio Ayres Pereira do Valle. |
| Pharmacia | Nuno Freire Dias Salgueiro. |

LENTES JUBILADOS

- | | |
|----------------------------|-------------------------|
| Secção medica | José d'Andrade Gramaxo. |
| Secção cirurgica | Visconde de Oliveira. |

LENTES SUBSTITUTOS

- | | |
|----------------------------|--------------------------------|
| Secção medica | { Maximiano A. Lemos. |
| | { Vaga. |
| Secção cirurgica | { Ricardo d'Almeida Jorge. |
| | { Candido Augusto C. de Pinho. |

LENTE DEMONSTRADOR

- | | |
|----------------------------|------------------------------|
| Secção cirurgica | Roberto B. do Rosario Frias. |
|----------------------------|------------------------------|

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Escola, art.º 155.º)

AO MEU DIGNISSIMO PRESIDENTE

O ILL.^{mo} E EX.^{mo} SR.

Dr. Agostinho Antonio do Souto

ILLUSTRE PROFESSOR DE PARTOS

Estas poucas paginas, poucas e incorrectas, que apresentamos ao dignissimo jury para constituirem peça escripta, em caracteres de imprensa, e prova final do nosso curso, são uma humilde dissertação, indouta e mal elaborada com apontamentos sobre a therapeutica da dominante endemia africana, — o que é de nosso primeiro e capital interesse, como medico do Ultramar.

Propondo-nos terminar, procuramos preparar-nos para começar.

Inutile et utile, paraphraseando o poeta.

E nem necessario é accrescentarmos mais, superfluo e banal, a estas duas palavras com que pedimos permissão de nos apresentar.

Senão que, — julgamos poder dizel-o aqui, n'estas ante-paginas salvaguardadas de apreciações — sentindo não nos ser possivel, em

nossas circumstancias de pobreza de elementos scientificos, e abundancia de condições nada favoraveis a trabalhos d'esta natureza, sentindo, repetimos, não podermos honrar a distincta Escóla que nos habilitou: pedimos ao illustre jury a sua benevolencia n'esta lição final... para termos passaporte para Africa...

TRATAMENTO DA MALARIA

A quina é o remedio especifico da malaria.

«Dous seculos d'observações, feitas nos pontos mais differentes da terra, teem confirmado esta heroica propriedade, diz Kelsch.»

E, até hoje, tem ella ficado triumphante sempre, e soberana, contra todos os concorrentes, numerosos, que lhe tem apresentado o genio investigador da sciencia, e ás vezes a vaidade da gloria d'uma descoberta.

Nem o arsenico, o iodo, o tannino, nem a strychnina, a pilocarpina, a aconitina, a thallina, a antipyrina, a resorcina, o acido phenico, a phenocolla, a salicina, a berberina, a pereirina, a bussina, os brometos, os sulfitos, os sulfatos, o nitrato de potassa, o azul de methylena, o sal, o eucalyptus — e quantos mais ainda? — nenhuma d'estas innumeradas substancias pôde competir com a quina, substituir-lhe a sua preciosa virtude curativa!

Mas qual é esta acção maravilhosa da quina, como actua ella?

Esta interrogação, fica ainda, — n'este largo, e n'este avançado caminhar da sciencia — esta interrogação fica ainda sem resposta : porque... para lhe responder... não se encontram senão mais pontos d'interrogação...

Acção visceral electiva? Acção sobre o sangue, sobre a lymphá? Acção paralyzante, ou, ao contrario, tonica, produzida sobre o systema nervoso, no seu conjuncto, ou sobre o systema ganglionar? Acção anti-fermentiscivel, ou anti-microbiana? Qual é a natureza do poder anti-periodico, do poder curativo e do poder prophylactico da quina?

«Outras tantas questões, do maior interesse, sob o ponto de vista da sciencia pura, mas secundarias, sob o ponto de vista da arte, diz Pepper.»

«E esperando que ellas sejam elucidadas, estamos reduzidos aqui, como o somos tão frequentemente, em muitos outros casos, á hypothese, á observação e á experiencia, senão ao empirismo, accrescenta ainda Pepper.»

Kelsch conclue :

.

Em resumo :

«A quina e os saes de quinina teem uma dupla acção: uma antipyretica, que recommenda o seu emprego nas doenças hyperthermicas; outra especifica, que se não manifesta senão nas doenças palustres.»

«A interpretação d'este ultimo modo d'acção não a attingimos; tambem, concluiremos, com

Colin: que é sómente sobre os resultados clinicos que é fundado o valor therapeutico da quina; e esta base d'apreciação é de todas a mais segura.»

Emfim, sabe-se o que mais importa,— que a quina é o remedio da malaria.

Mas, se é secundario para a arte, como diz Pepper, saber como actua a quina, curando a malaria; e se as bases seguras do seu emprego, são os resultados clinicos, como diz Kelsch: nem por isso é indifferente o modo d'usar; e, ainda, com ser a quinina o remedio da intoxicação, nem só ella constitue todo o tratamento.

E é porque assim seja, que nós encontramos lugar e interesse, julgamol-o para a exposição d'este tratamento.

*
* *

Entramos n'esta exposição, destacando, de começo, os seguintes pontos, de primeira importancia:

- Escolha do sal.
- Administração: dóse, momento, via, intolerancia, habito, contra-indicações.
- Emprego d'outros meios auxiliares, previos e concomittantes com o remedio especifico.
- Succedaneos da quina.

I—Escolha do sal

São o sulfato e o chloraydrato os saes de quina geralmente e frequentemente empregados: porque teem uma acção, em geral, superior á dos outros saes.

Mas o velho sulfato, tão conhecido como a linhaça, «o remedio das febres», tem perdido, e vae perdendo todos os dias, os seus antigos privilegios de tantos annos, tendo de ceder o logar ao chlorydrato, hoje mais reputado, e preferido sempre que póde haver-se.

Porque esta preferencia?

Eis as vantagens apregoadas, e verificadas, do chlorydrato sobre o sulfato:

—O chlorydrato é menos irritante, e mais soluvel no estomago: e, portanto, mais facilmente, e mais rapidamente absorvido.

É tambem, mais soluvel na agua, mais esta-vel e mais facil d'obter em estado de pureza Dujardin-Beaumetz, Soc, de Therap, 23 mars, 1887.

O bi-sulfato precisa para solver-se 9 p. de agua; o chlorydrato neutro, ou bichlorydrato, dissolve-se apenas em 0,66 (Beurmann, Regnaud, Willejean, Bullet. gen. de Therap, 1888). O que o torna muito preferivel nas injectões hypodermicas.

—O chlorydrato é muito mais rico em alca-

loide: o sulfato tem 74,3 p. 100; o chlorydrato 81,61 (83 segundo outros).

Esta maior percentagem de quinina dando um menor equivalente de dóse.

Ora, d'estas propriedades, que todas são concordantes em assegurar a superioridade ao chlorydrato, — sendo menos irritante é mais solúvel, mais rapidamente absorvido, e mais rico em principio activo — d'estas propriedades é logico e é legitimo, tirar a preferencia do chlorydrato, estabelecer o seu emprego d'eleição.

E é sabido que, ao presente, se prefere o chlorydrato.

Mas, para citarmos as palavras authorisadas d'um distincto medico, cujos trabalhos sobre o tratamento da malária são muito conhecidos, M. Trabut, director do Hospital de Mustapha, dizia elle já em 1890, no *Bullet. Medic. d'Algeria*, de 1 de dezembro.

«Depois de ter experimentado os differentes saes de quinina, fixei-me no chlorydrato, — que é mais solúvel e menos irritante; a solução d'este sal faz-se sem intervenção de nenhum acido; e seu uso generalisa-se; e d'aqui a alguns annos é provavel que seja elle o unico sal empregado correntemente.

Babilée, outro distincto clinico do mesmo Hospital de Douéra, que trata mais de 2:000 doentes de febres palustres, emprega quasi exclusivamente o chlorydrato.

E nas numerosas observações de Pepper, que temos presentes, e em maior numero d'el-

las ainda, a que elle se refere, vê-se que é também o chlorydrato do sal continuamente empregado.

Mas, se na grande maioria dos casos, se emprega o chlorydrato, não deixam ainda assim outros saes de ter o seu emprego, que o teem, e com indicações, até. Assim, e para só fallarmos n'aquelles, de que se faz um uso menos banal, menos frequente, e cuja utilidade para cada um d'elles, é bem estabelecida:

Nas fórmulas larvadas, das quaes a nevralgia facial é, como se sabe, uma das manifestações mais frequentes, o valerianato é d'uma efficacia muito superior á dos outros saes. (Observações de Bertim).

O bromydrato tem vantagens nos accessos de fórma delirante, convulsiva, gastralgica, etc., nas fórmulas em que predominem os symptomas nervosos, e nas mulheres fracas e nas creanças.

O valerianato e o brohydrato são preciosos em virtude da dupla acção de seus componentes, nas hystericas, nevrasthenicos, nervoso-anemicos, elhoroticos; nos doentes que soffrem d'affecções chronicas do figado, nas mulheres (Pepper).

Nas fórmulas rheumatismaes, musculares, de fundo palustre, o salicylato dá os melhores resultados. (Bertim).

Churchil faz a apologia do hypophosphito de quina, e fal-a nos seguintes termos:

«A combinação intima do phosphoro no minimo d'oxidação com a quinina, o hypophosphito de quinina, constitue um sal duas vezes mais activo que o sulphato, e mostra-se muitas vezes efficaç, quando o sulfato falhou.»

Nos accessos periodicos, Churchill recommenda que se dêem 20 a 40 centigrammas d'hypophosphito de quinina uma hora antes do accesso. Nas fórmas perniciosas, e na remittente dos paizes quentes (e tambem na febre amarella) o medico citado — que tem uma grande experiencia das doenças tropicaes — recommenda as pillulas de 10 centigrammas em alta dose (20 a 40 por dia). Elle pôde curar assim casos muito graves, e rebeldes, até ahi, a todos os tratamentos.

«Como febrifugo, diz elle, a dóse será de duas pilulas, duas ou tres vezes por dia, e é sobretudo nos casos de febres intermittentes irregulares que na dóse indicada estas pilulas actuam d'uma maneira maravilhosa. O pratico é muitas vezes consultado por doentes que teem passado uma parte da sua vida em logares palustres, nos climas tropicaes, e que se queixam d'arripios, calores, transpirações, acompanhadas de fraqueza e inappetencia, mas sem typo

caracteristico da febre intermittente, sem accesso propriamente dito».

«No fim d'alguns dias de tratamento com o hypophosphito de quinina ver-se-hão todos os maus symptomas desaparecer, e continuando provocar-se-ha uma cura prompta e certa.» ⁽¹⁾

«Mas é sobretudo no tratamento preventivo da doença que este medicamento nos parece dever ser util, como anti-miasmatico e como reparador da cellula nervosa e da hematia, dos compostos albuminoides e proteicos que formam os tecidos, diz Pepper».

«Por a sua grande affinidade para o oxygenio, estes principios immediatos do phosphoro são os primeiros que recebem a acção do ar atmosferico introduzido na economia por a respiração, e são por consequencia o ponto de partida e por assim dizer os iniciadores de todas as acções primordiaes da vitalidade.»

Ora sabe-se que é principalmente por a via pulmonar que se produz a infecção malarica.

II—Administração da quinina

Em presença d'um caso pernicioso, confirmado ou imminente, é preciso administrar a quinina *imediatamente* por a via subcutanea, ou por esta via e outras, ao mesmo tempo não ha divergencias.

⁽¹⁾ Churchil. Sur les differentes préparations des hypophosphites. Paris, 1888.

Mas quando se trata d'accessos de fórma intermitente ou remitente, isentos de qualquer complicação grave, para a determinação da dóse e escolha do momento, ha grande diversidade de methodos.

Nós expomos aqui os mais empregados.

Methodo de Bretonneau — Este medico dava 1,20 grammas de sulfato em uma só, ou em duas doses, com um pequeno intervallo, o mais longe possivel do accesso proximo, isto é, logo depois do accesso passado.

Cinco dias de repouso; a mesma dose de quinina; depois, de oito em oito dias, a mesma dose, durante um mez.

Methodo de Jaccoud — O professor Jaccoud aconselha que se dêem doses fraccionadas, com pequenos intervallos, de modo que a dose prescripta seja administrada em tres quartos de hora, uma hora, o maximo.

E esta dose deve ser tomada: oito horas em antes do accesso, na forma quotidiana; doze horas antes, na forma terça; dezoito horas antes, na forma quartã.

Methodo de Kelsch e Kiner — Kelsch e Kiner dão, logo depois do accesso, uma forte dose em tres ou quatro vezes, muito approximadas.

Sendo cortado o accesso seguinte, continuam a administração do medicamento, durante dous ou tres dias, em doses decrescentes. Se a periodicidade é de longos intervallos, continuam a dar o remedio durante algum tempo, na vespera da volta do accesso provavel.

Methodo de Lancereaux — Este não quer, como Jaccoud e como Kelsch e Kiner, a dose fraccionada.

«A quinina, diz Lancereaux, é um maravilhoso medicamento com a condição de se empregar em doses successivas. É melhor empregar-o em antes do accesso, quando se poder; mas, o que importa, sobretudo, é não fraccionar as doses. É preciso dar uma gramma, duas grammas, e mais, se o accesso é pernicioso; e, qualquer que seja a dose, fazel-a tomar por uma só vez, ou por duas vezes, com um intervallo muito curto, de manhã ou de tarde.»

«A quinina não deve ser suspendida immediatamente depois dos accessos febris; deve-se continuar a administral-a, pelo menos, dez ou quinze dias.»

Methodo de Dieulafoy — Este professor expõe assim o seu methodo:

«A quinina e a quina são, por excellencia, os medicamentos da infecção palustre. Supponhamos, primeiro o caso mais simples, uma febre intermittente legitima.»

«Eis como convem proceder: Administra-se primeiro um purgante, ou um vomitorio, se o doente tem catarrho gastrico; depois dêem-se 75 centigrammas ou uma gramma de sulfato de quinina, em pilulas, ou melhor, em hostias, com duas horas de intervallo, e o mais longe possivel do accesso proximo. Esta medicação deve ser repetida quatro ou cinco dias a seguir, e depois d'este tempo, distanciem-se as

doses, segundo o methodo de Trousseau, deixando successivamente dous, tres, quatro até oito dias d'intervallo; depois, durante dous ou tres mezes ainda, volte-se todos os oito dias á mesma medicação.»

Methodo de Dehoué — Dehoué, no seu *Tra-tado do impaludismo*, diz:

«A um adulto atacado de febre intermittente quasi nunca dei menos de uma gramma, nem mais de 1,50 grammas, d'uma vez. É muito raro, que, desde a administração das duas ou tres primeiras doses se não reconheçam já umas ligeiras melhoras. Mantenha-se todos os oito dias a mesma dose, emquanto não sobrevierem phenomenos particulares d'intolerancia, taes como: surdez persistente, embriaguez quinica, tremulos fibrilares, etc. Deve dar-se cada dia a dóse adoptada até que o doente comece a alimentar-se e tenha experimentado melhoras muito accentuadas. Se estas melhoras tardarem, deve augmentar-se progressivamente a dóse de 10 a 25 centigrammas por dia, ou mesmo mais.

Methodo de Laveran — Para Laveran, o typo da febre não parece dever modificar sensivelmente o modo d'actuar.

Uma febre intermittente ordinaria, cortada por duas, ou tres doses de quinina reaparece muitas vezes ao fim de 7 ou 8 dias.

Eis o methodo que elle aconselha:

1.º, 2.º, 3.º dias: 80 centig. a 1 gr., por dia, de quinina.

4.º, 5.º, 6.º e 7.º: não dar o remedio.

8.º, 9.º e 10.º dias: 0,60 centig. a 80 centig.
Do 17.º ao 20.º dias: interromper a quinina.
21.º e 22.º: 60 centig. a 80 centig.

Se todavia no decurso do tratamento houver uma recahida, fazer de novo, um tratamento completo.

Methodo de Bouchard — Este professor notavel, prescreve a quinina no fim do accesso: este modo de administrar a quinina é para elle o melhor meio de actuar sobre o accesso proximo.

Methodo de Trabut — Dá a quinina nos dias marcados com o traço, como se segue:

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21.

Se os accessos voltam durante um periodo de repouso, recommença-se o tratamento completo.

Para este professor a dose de 1 gr. de chlorhydrato de quinina é o mais das vezes sufficiente; mas, em certos casos, é necessario levar-a a 1,50 e a 2 gr., dose que elle nunca excedeu, administrando a quinina por a via estomachal, e recorrendo, então ás injecções subcutaneas.

Quando se pode prever a hora do accesso, diz Trabut, a poção febrifuga deve ser dada 6 a 12 horas antes; 6 horas bastam, mas é o minimo.

Methodo de Treille — Partindo d'este dado d'observação — que as recidivas se produzem ao 6.º dia, depois do ultimo accesso antes do qual se deu a quinina — Treille administra este me-

dicamento sómente nos dias de recidivas provaveis, isto é todos os seis dias — 1 — 6 — 11...

É util empregar, pelo menos para combater os primeiros accessos e os das primeiras duas ou tres recidivas, de 2 a 3 gr. de sulfato de quinina, em duas dóses, com 6 ou 8 horas de intervallo, sendo dada a segunda dose, quasi no momento do começo do accesso proximo.

Treille tem empregado, muitas vezes doses de 4 gr. de quinina, sem observar accidentes; para elle estas doses fortes tem a vantagem de prevenir melhor as recidivas.

Em todos estes já numerosos methodos, que acabamos d'expôr, numerosos e authorisados, em todos elles se encontra, como se vê, fundamentalmente: *a quinina dada em doses successivas de 1 gramma, 1,50, 2 grammas, e mesmo mais, d'uma vez só, ou com intervallos, muito pequenos, algumas horas antes, ou depois, do accesso, ou em seguida ao accesso.*

Lembremos, no fim d'esta exposição as palavras de Jaccud:

«...A dose prescripta deve ser tomada n'um curto espaço de tempo.»

As de Benchard:

«...O melhor meio de actuar sobre o accesso seguinte é dar a quinina no fim do accesso.»

E, ainda, as de Lancereaux:

«A quinina é um maravilhoso medicamento, com a condição de ser dada em dóses massicças.»

E temos a essencia de tantos methodos au-

thorizados, ou, o que é equivalente, o methodo geral, authorizado, d'administrar a quinina.

Mas temos um methodo novo apresentado, ha tanto tempo, como em 94, por Martin.

Methodo de Babilée — Chefe de clinica no Hospital de Douéra.

Este medico, que trata mais de 2:000 (dois mil) doentes de febres palustres, administra a quinina segundo um methodo muito differente dos expostos até aqui, em certo modo opposto mesmos aos methodos geralmente uzados.

Babilée dá a quinina, — o chlorydrato, que elle uza quasi exclusivamente — *em doses fraccionadas com longos intervallos*.

E Bertin, que fez observações na clinica de Babilée, depois de ver, diz elle, os resultados obtidos por este, apresenta o novo methodo, que elle prefere, e ao qual assignala grandes vantagens.

Esta encarecida superioridade, podiamos nós apresental-a em duas palavras:

Supressão dos incommodos e prevenção dos accidentes da quinina;—remoção da reluctancia dos dentes a tomal-a, e por isso maior garantia prophylactica e de cura, em casos ligeiros, evitando assim muitas vezes infecções, e phases mais perigosas—porque muitos individuos, só levemente atacados se recusam a tomar o especifico com receio, dos incommodos e accidentes que sobreveem com as doses em que geralmente se dá; e d'ahi, ás vezes, evolução da doença para phase mais perigosa.

Finalmente e para que nada falte, economia de remedio.

E n'estas poucas palavras consignariamos todos os elevados meritos do novo methodo, senão nos dominassem razões e sentimentos de duas ordens.

Por um lado, temos escrupulo de apresentar, tão resumidamente, e tão sem còr, o que no dizer do jubiloso apologista é uma nova conquista no tratamento da malária, e até na colonisação das possessões francezas.

Por outro lado, temos pena de privar os nossos poucos leitores do prazer de sentirem a impressão do enthusiasmo com que este novo apresenta e seu methodo preferido, melhor do que todos os outros.

Por estas razões, porém, nós queremos que seja o auctor quem exponha aqui essas maravilhas. para ellas terem todo o calor da fé d'um apostolo, e para que a convicção d'esta fé penetre nos que as ouvirem e cathequisem para a nova escola.

Eis a exposição de Bertin:

.....
«Hesitamos muito tempo antes que viessemos emitir opinião nossa; mas os resultados, obtidos por o dr. Babilée, na sua clinica, animaram-nos a publicar o resultado das nossas observações.

«Todos até aqui tem dado a quinina em doses successivas, ou duas doses fraccionadas, em pequenos intervallos, e longe dos accessos.

« Pois bem ! Nós vamos expor as grandes vantagens que colhemos, dando contrariamente aos usos, o chlorydrato de quinina em doses fraccionadas com longos intervallos, ou sem termos conta com a periodicidade da febre.

« Grande numero de doentes atacados de impaludismo ligeiro se recusam muitas vezes a tomar a quinina, de tal modo elles temem, quando este medicamento é absorvido em altas doses, as manifestações da embriaguez quinica, e principalmente os zumbidos dos ouvidos e a surdez muitas vezes desagradavel que é a sua consequencia.»

« As nauseas, assaz frequentes, augmentam ainda a sua repugnancia por este medicamento ; e é só quando as complicações ameaçam sobrevir, que o doente se decide então a tomar o especifico.

« Dando o chlorydrato de quinina em doses fraccionadas e com longos intervallos, nós podemos verificar, como o registamos em nossas observações que todos estes symptomas : nauseas, vertigens, perturbações visuaes, zumbidos nos ouvidos, eram supprimidos, a ponto de numerosos doentes, a quem applicavamos este methodo, terem difficuldade em acreditar que lhes dessemos quinina, de tal modo elles sentiam pouco os incommodos desagradaveis que lhes occasionava este remedio nos seus tratamentos anteriores. Encaramos egualmente a questão economica, que não é da menor importancia n'um paiz onde a quinina é absorvida em

tão grande quantidade. Procuramos para este fim qual era a dóse minima do chlorydrato de quinina a prescrever para chegar a combater efficaçmente a hypertermia, e os nossos estudos permittiram-nos fixar em 25 centigrammas, tomadas tres vezes no dia, com oito horas de intervallo.»

«Sabemos, com effeito, que o poder toxico da quinina sobre os infusorios, classe a qual parece pertencer o hematozoario de Laveram, é consideravel; e basta uma quantidade minima d'este alcaloide n'um liquido povoado d'estes elementos parasitarios para ver desaparecer estes rapidamente.»

«Sendo a natureza microbiana da malasia um facto incontestado, pensamos nós que o modo mais seguro de combater o micro-organismo, era collocar o doente d'um modo continuo, e sem periodo intercalar, sob a influencia da quinina.»

«Estamos então seguros de attingirmos sempre o germen, ou pelo menos de nos oppormos ao seu desenvolvimento, sem nos basear sobre calculos de recidivas provaveis, calculos que são os mais erroneos.»

«Sabemos com effeito que, segundo experiencias feitas, a quinina administrada pela via gastrica apparece na urina um quarto d'hora depois da sua ingestão; seis horas depois a eliminação está no maximo, e doze horas depois a maior parte tem sido eliminada.»

«Segundo este estudo nós estabelecemos que

para actuar d'um modo continuo sobre o organismo, deviamos administrar doses de 25 centigrammas de chlorydrato de quinina, de modo que a segunda dose começasse a sua acção no momento em que a eliminação da primeira dose estivesse no seu maximo, e assim em seguida. Podemos verificar assim que a quinina eliminando-se em permanencia nas urinas, os nossos doentes se encontravam sempre assim sob a acção do especifico, dando 25 centigrammas de chlorydrato, tres vezes por dia, com oito horas d'intervallo.»

«Em certos casos de febre invetrada, é preciso prescrever o sal de quinina em doses de 30, 40 e mesmo 50 centigrammas, em lugar de 25.»

«As nossas observações demonstram que podemos por este methodo produzir ao 3.º dia um abaixamento completo da temperatura em oito casos de febre intermittente quotidiana, ao passo que com doses de uma gramma e 1,5 grammas, tomadas d'uma só vez no dia, a febre não desappareceria senão no 5.º ou 6.º dia.»

«Em quatro casos de typo continuo e terçã a queda da febre dava-se ao 4.º dia, com o nosso tratamento; e, com o emprego de doses massiças, administradas d'uma só vez, sómente no 6.º dia era produzido o abaixamento da temperatura em casos identicos.»

«Emfim, em dois casos de typo quartã, a temperatura baixou á normal, n'um, ao 10.º dia, n'outro a 13.º; ao passo que em um de dous

casos identicos a queda da febre não se tinha dado senão aos tres mezes, e em outro depois de quarenta dias, com o usual tratamento.»

«Ajuntemos, que é necessario, para evitar recidivas, continuar o tratamento durante os oito dias que seguem o ultimo accesso.»

Tal é a exposição de Martin.

E a esta exposição seguem-se observações comprovativas, frisantes, algumas, das excellencias do methodo que elle preconisa.

Nós, que não temos observações, que ainda as não podemos ter, não podemos comparar nem escolher.

Via d'introducção — Indicação dominante, a gravidade do caso — que requer a administração por via hypodermica, ou por todas as vias. Depois d'esta, ha a attender ao estado das vias digestivas do doente.

Fóra d'estas indicações, é usual a escolha da via estomachal — certamente por mais commoda.

Mas, nós pensamos se não poderá, de principio erigir-se o methodo hypodermico em methodo d'eleição, — pois encontramos razões sufficientes para isso.

Em primeiro logar nós não encontramos inconveniente de valor no emprego d'este methodo.

Um grande numero d'observações temos nós presentes, em que se refere o emprego d'este methodo, sem consequencias, senão em dois casos, — e n'estes, por elle se não applicar com

as necessarias e sufficientes precauções;—e ainda assim accidentes pouco graves, que, de resto, se curaram rapidamente.

E além d'estas observações que citamos, quantas, inumeras, não ha registadas?

E, n'uma palavra, sabe-se que na actualidade se faz um uso frequente do methodo hypodermico muitas vezes sem observancia mesmo dos cuidados necessarios, e que não se dão accidentes, ou, não tem gravidade.

Pois bem, se não tem como fica provado inconvenientes, de valor, o methodo hypodermico; tem a seu favor, tem a recommendal-o, vantagens d'importancia.

Elle poupa as vias digestivas; é mais rapido e mais energico; e, se é certo, como o affirmam Moore, Dufeillay e Borius (Des injections hypod. de 2. g. dans le trait? Arch. de medi nare. 1869.) Se é certo que em dóse egual a quinina em injeccão hypodermica é 5 ou 6 vezes mais efficaz, do que introduzida por outra via, o methodo hypodermico, que não tem inconvenientes, que não tem circumstacia d'estorvo, é depois de ter todas as vantagens sobre os outros, d'inocuidade, rapidez e efficacia, este methodo, é ainda, muito mais economico. E assim é que Arnould prefere-o no tratamento dos pobres.

Intolerancia—Acontece, algumas vezes, que a quinina não é tolerada,—o que constitue um embaraço sempre, e muitas vezes um embaraço serio no tratamento da malaria.

Estes casos de intolerancia, de susceptibili-

dade exagerada, são raros, felizmente. E, com as doses geralmente empregadas, não se produzem accidentes, ou não se produzem accidentes serios.

O caso, classico, da joven religiosa de Trouseau, não se encontra muitas vezes repetido na historia da intolerancia quinica. E, mais: os accidentes registados, de responsabilidade da quinina, tem um grande desconto no modo defeituoso de sua administração.

Comtudo, não devemos esquecer que ha idiosyncrasias, e que se tem encontrado para este medicamento. Corre, por exemplo, refere que com um official da marinha franceza, e uma senhora creola de 35 annos, boa constituição e saudavel, fóra de ligeiros accessos palustres, observou elle phenomenos d'embriaguez quinica, acompanhados d'erupção, em seguida á ingestão de 25 centigrammas de sulfato; e que esta dose insignificante, pouco augmentada que fosse produziu uma excitação tão seria, que foi preciso abandonal-o, recorrendo aos meios de sudação para tratar os accessos, felizmente sempre ligeiros e benignos.

Ora, se, bem que sejam raras, estas susceptibilidades existem, e convem estar d'isto prevenido na prescripção da quinina; e mais preciso se torna saber o que ha de fazer-se em casos taes, — que serão uma grande contrariedade, para o tratamento.

Eis os preceitos dados.

Como regra de prevenção:

Quando não houver urgencia, e se tratar de individuos, que pela primeira vez tomam a quinina, dêem-se doses graduadas successivas, até conhecer assim da sua tolerancia.

Quando encontrarmos intolerancia, — fallo, bem entendido, da intolerancia com accidentes graves, —:

Suspenda-se o medicamento se pode dispensar-se, e recorra-se a um succedaneo; senão associa-se-lhe um antagonista physiologico, como o opio, por exemplo; ou os brometos, ou outro que se julgar melhor adequado.

Habito da quinina — Outro embaraço no tratamento da malária pode ser o o habito da quinina, que é frequente nos paizes quentes, onde se toma muito este medicamento, nas doenças e, tambem, como prophylactico. Em tal caso, dêem-se fortes doses de remedio, — ou recorra-se a um ou mais dos succedaneos, tendo o primeiro logar a chinchonidina, a strychnina, o acido phenico.

E não nos esqueçamos de recommendar a todos, e áquelles que podem julgar que, o facto do habito da quinina indica a abstenção d'ella como prophylactico, não nos esqueçamos de recommendar que, sem com tal se importarem, a tomem sempre, em fracas doses, como prophylactico.

Acção contraria da quinina — Algumas vezes, n'um doente submettido ao uso da quinina, manifestam-se effeitos contrarios á acção do remedio, — effeitos contrarios que se traduzem

por hyperthermia, acceleração do pulso, constituindo uma especie de febre paradoxal que foi recentemente observada por o professor Lepine, por Trabut no hospital de Menstapha. (Bullet. med. d'Algéria, janeiro de 1890).

Em certos casos, produz-se uma congestão do figado e do baço. Quando se manifesta esta acção contraria da quinina, o que é relativamente raro, dêem-se doses massiças do medicamento; e, se, emfim, elle não poder ser administrado, recorra-se, como sempre, em casos analogos, aos succedaneos.

Contra-indicações á administração da quinina—Depois do que acabamos de dizer nos dois pontos antecedentes, lembrando o que já dissemos a proposito da intolerancia, e accrescentando o estado de gravidez nos primeiros mezes (isto nem para todos os auctores): temos reunido os casos de contra-indicação ao emprego da quinina,—e ficam ao mesmo tempo expostos os preceitos de taes casos.

III—Outros meios associados ao remedio especifico

A quinina é o remedio especifico da malária, dissemol-o nós, reconhecem-no todos. Mas basta ella no tratamento da doença? Não basta.

Se a quinina é o remedio especifico da intoxicação palustre, nem por isso deixa o tratamento da malária de ser sempre auxiliado por

outros meios; de ser em muitos casos mesmo só tornado efficaz por o concurso d'estes meios.

E comprehende-se bem que assim seja.

Aqui, como de resto, em muitos outros casos, não tem um exacto valor o aphorismo: «Sublat a causa tolitur effectus».

Em primeiro lugar:

São sempre proveitosos, senão precisos, todos os meios que seccundam o organismo em sua reacção, que é a doença — contra a causa que o *chocou* — e este é bem o espirito das modernas doutrinas.

Ora a infecção palustre, é, como se sabe, de todas as doenças a mais depressiva. Assim, por principio, estão indicados os tónicos.

E não sabemos nós quantas vezes o tratamento específico falha, e só com o auxilio d'uma prévia medicação adequada, vem afinal a produzir o effeito?

Temos um exemplo na syphilis, em que muitas vezes todo o tratamento mercurial estabelecido desde começo como específico, não dá nenhum resultado, senão é até prejudicial; e, se se suspende para uso da medicação tónica, voltando depois d'um periodo conveniente d'esta medicação, a continuar o tratamento específico, este dá então todo o resultado. O que nos ensina que precisou o organismo de ser levantado, ao grau necessario para poder soffrer e responder á acção específica.

Ora este exemplo da syphilis parece-nos, por mais d'uma razão, bem applicavel ao tra-

tamento da malária. Por outro lado, sabemos nós como actua o específico para sabermos o que podemos esperar d'elle?

Na malária, como de resto, em muitas outras doenças, a causa muitas vezes, tem produzido perturbações, que depois se isolam da causa, e ficam, e continuam ainda depois da causa cessante; outras vezes são affecções associadas á intoxicação.

E, se é certo que muitas complicações, as mais variadas, as mais insolitas cedem ás vezes, como por encanto, ao tratamento específico, é igualmente certo, que muitas vezes estas perturbações, ou porque se constituíram em entidade morbida já independente, ou porque, distinctas da intoxicação palustre se lhe associaram, muitas d'estas perturbações não são influenciadas por a quinina.

Mas, ainda mais.

Em quantos casos se não encontra o organismo, sob um tal choque, n'um tal desequilíbrio, que atacar a causa seria como — permittase-nos a comparação — para curar, quemquer prostrado com uma pancada, se atacasse o que tivesse feito o delicto.

Casos ha, em verdade, em que fazer a medicação da causa seria simplesmente um exagero de logica, e o peor, um disparate do senso commum: por que em taes casos não se faria mais do que pedir reacção — que é a doença e que é a cura — a um organismo que a não podia ter — o que era inutil.

Juntemos ás nossas considerações os preceitos d'auctoridade.

Diz Kelsch:

.....
 «Mas a quina, com ser o agente curativo fundamental da malária não satisfaz, todavia, a todas as indicações therapeuticas d'esta affecção. A doença reclama, além da quina, outros meios, variados, em relação com as differentes phases da intoxicação, as lesões secundarias, que ella suscita, e enfim, as doenças intercorrentes que ella desperta.»

Core exprime-se assim:

«A contingencia confunde-se, muitas vezes, com a especificidade; e, então, a medicação que se digire a esta triumphá também da primeira.

«É assim que se vêem congestões pulmonares muito intensas, manifestações nevralgicas muito dolorosas, dissipar-se, como por encanto, depois da administração da quinina.»

«Mas outras vezes, a contingencia tende a isolar-se, por assim dizer, por o facto da accentuação particular d'uma idiosyncrasia geral ou local, ou então ella sobrevem, distincta da intoxicação palustre, á qual se sobrejunta por associação.»

«Mesmo, no primeiro caso, se devemos contar antes de tudo com a quinina, é util prevenir a passagem d'um processo ephemero — inteiramente subordinado a uma accção vaso-motriz ou nevralgica de natureza especifica, — a um estado mais fixo, semi-independente do en-

venamento inicial, por o emprego de meios accessorios em relação com os phenomenos de localisação observados. Estes meios accessorios adquirem uma importancia cada vez maior, á medida que aquelles accusam uma impressão localisada mais intensa; e, emfim, nos casos d'associação a medicação mixta torna-se de todo o ponto indicada.»

E Pepper diz «que em muitos casos a applicação d'outros meios salva o tratamento especifico — e salva o doente.»

Por as considerações expostas, fica bem em evidencia a importancia d'outros meios de tratamento associados á quina:—elles sendo uteis sempre, são, muitas vezes, condição indispensavel d'exitos;—são em muitos casos como diz Pepper, a salvação do tratamento e a salvação do doente.

Por lhes darmos o valor que tem, tambem, nós os apresentamos mais em destaque do que em geral fazem os auctores.

É verdade que o tratamento a que nos vimos referindo é até certo ponto do dominio da therapeutica geral dos symptomas: mas não deixa de ser bem justificada, e de proveito, julgamos nós, a sua exposição em um capitulo especial — tanto valor elles tem, tanto é necessario tel-os bem ordenados bem dispostos, bem prestes.

Passamos, portanto, a este capitulo do tratamento da malária.

D'um modo geral, diz Pepper: «Nas fórmas sympatica e vasó-motora, ce-

rebral, bulbo-spinal, e n'aquellas que simulam a insolação, será muitas vezes util, fazer proceder a administração da quinina, por loções estimulantes, fricções, massagem. «D'outra parte, será igualmente util nas variedades congestivas fazer preceder, a administração da quinina, d'uma injeccção de pilacarpina, de modo a trazer á pelle o sangue; e em seguida o arseniato de strychnina para remediar a paresia dos vaso-motores, se este symptoma se tornar dominante.

E ainda accrescenta Pepper, nas fórmulas graves, assim como na fórmula chronica, convem muitas vezes tambem associar no tratamento a strychnina e o arsenico.

Depois d'estas indicações geraes, ha todo o tratamento symptomatico (Pepper); ou da contingencia, das associações, e das complicações, (Corre); ou das phases ou graus d'intoxicação (Kelsch).

Expomos em seguida este tratamento sem nenhuma razão d'ordem, porque a não tem.

Tratamento da hypertermia e da dôr—Analgesina e substancias analogas—«Tendo sido ensaiados uma multidão de meios para combater directamente a hypertermia das febres graves, diz o dr. Nicolas, nenhum tem dado resultado n'este sentido—que os medicamentos que, como a antipyrina, abaixam a temperatura d'um modo mais ou menos *precario*—é o termo d'elle—não actuam nem sobre a contractilidade dos vasos, que é preciso, em

taes casos, levantar, nem sobre o agente virulento, que, desorganizando o sangue, supprime o excitante natural d'esta contractilidade. E é precisamente n'isto que está o escolho da malaria grave; e assim se explicam os insuccessos dos medicamentos novos que temos visto ensaiar, por a maior parte no Panamá: a antipyrina, a kaïrina, a antifebrina, a resorcina, a phenidina, etc.»

Contra estas considerações e a observação de Nicolas, a antipyrina é o medicamento de que se faz muito uso, e até abuso, como em muitos casos analogos a este de que nos occupamos agora. Accrescente-se ao que pondera e informa o medico citado, que a analgesina não é sem acção, nociva, sobre o coração; que o seu effeito, rapido, é certo, é ainda mais passageiro do que rapido; finalmente que este medicamento é um cyanotico e um destructor do sangue: e sabemos o que podemos esperar d'um medicamento de que tanto se usa.

Apesar de tudo, e não esquecendo estas considerações, é certo que a antipyrina actua contra a hypotermia e contra a dôr, e póde portanto ser empregada, correspondendo a estas indicações.

Mas a aconitina é tambem efficaz contra os mesmos symptomas, sem ter os inconvenientes da antipyrina, e correspondendo ainda a outras indicações, que podem ser preenchidas ao mesmo tempo; por isso a reputamos melhor, e jul-

gamos boa medicação a associação dos dois remédios.

A antipyrina póde administrar-se segundo o methodo americano, associada á quinina, mas este methodo tem o inconveniente de ser muito differente a acção dos medicamentos sobre o systema nervoso e sobretudo sympathico. E nós julgamos preferivel, e é assim muito usado, empregar primeiro a antipyrina para obter um effeito anti-thermico mais rapido; e depois, durante o abaixamento momentaneo da temperatura, administra-se a quinina, associando a este medicamento o arseniato de strychnina, para levantar a tonicidade vascular, que não convém nunca deixar deprimida.

Congestões cerebraes e thoracicas, nevralgias malaricas — A aconitina presta serviços inapreciaveis, nas variedades de fórma cerebral assim como na fórma complicada, ou acompanhada de localisações thoracicas, nas nevralgias malaricas intensas, ou rebeldes ao uso da quinina só, e contra a hyperthermia (Pepper).

Administra-se, geralmente, pelo estomago junta á quinina, outras vezes em injeções hypodermicas conjunctamente com a applicação estomacal da quinina, mais raramente, sob a fórma de pomada.

Convém frequentemente dar um vomitivo, e algumas vezes um emeto-cathartico ligeiro, ou um purgante, antes de prescrever a aconitina, cuja acção é lenta e incompleta, ou nulla, se

existe um estado fortemente saburral das vias digestivas.

Uma tisana aromatica tomada depois da aconitina ajudará o effeito d'ella. Convém sempre usar com prudencia este medicamento, para o qual certos individuos teem uma intolerancia idiosyncratica.

Emprega-se a aconitina amorpha, ou a crystalisada, sobretudo, em casos desesperados. Os clinicos das regiões palustres referem resultados felizes em casos taes obtidos com a administração até duas milligrammas d'esta substancia — dóse physiologica e mesmo toxica, em outras circumstancias — conjunctamente com injectões de bi-chorydrato de quinina. Os symptomas cerebraes justificam a dóse, fraccionada, de resto, de modo a occupar a sua applicação o espaço de algumas horas. A experiencia tem mostrado que nas localisações congestivas, em que a aconitina é tão util, ha uma tolerancia notavel para este medicamento.

Não obstante a actividade excepcional d'este tratamento, não se deverá, em casos como aquelles a que alludimos, desprezar nenhum dos outros meios indicados pela experiencia, mas empregal-os todos concorrentemente com a quinina e a aconitina.

Pepper associa muitas vezes á aconitina a digitalina, a strychnina e o arseniato de soda nas localisações pulmonares da malaria. E emprega a formula composta seguinte:

«R. Aconitina crystallisada d'Adrian, 4 a 6 milligrammas.

Digitalina amorpha de Homolle e Quevenne, 4 milligrammas.

Sulphato de strychnina, 1 a 2 milligrammas.

Arseniato de soda, 1 a 2 centigrammas.

Agua distillada, assucarada e aromatisada com essencia de limão, 310 centigrammas c.

D., sem filtrar.»

«Para tomar uma colher de sopa ou chá, segundo as edades, 6 vezes por dia, ou uma d'estas colheres de hora a hora, até 6 colheres, se a gravidade do caso o exige. O numero das doses pôde ser duplicado ou triplicado, reduzindo proporcionalmente a dose d'uma vez, e diminuindo tambem proporcionalmente os intervallos: o que representa um fraccionamento racional e methodico das doses, e uma administração ao mesmo tempo prudente e efficaz, quando se usa d'estes alcaloides, armas de precisão, medicamentos poderosos e sempre semelhantes a si proprios.»

«Assim chega-se tão rapidamente quanto possivel a produzir o effeito util, mas sem abalos, etc., etc.»

Compressas frias, ou gelo sobre o craneo nas fôrmas graves, nas fôrmas perniciosas cerebraes e outras — Em algumas variedades das fôrmas perniciosas, sobretudo nas variedades apoplectica e maniaca, e na maior parte das fôrmas graves da doença, as compressas frias e

mesmo geladas sobre o craneo prestam grandes serviços, com a condição de não ser interrompido o seu emprego.

A' falta de gelo podem servir compressas embebidas d'agua etherea, ou simplesmente fria, constantemente renovadas, e cuja frescura será entretida, em caso de necessidade, com o auxilio d'um leque. Os saccoes de gelo de Chapman são commodos, mas á falta d'estes saccoes, pequenos fragmentos de gelo serão mantidas n'uma tela encerada, dobrada e suspensa, de maneira a tocar n'uma compressa interposta entre o sacco improvisado e o craneo.

Tratamento das localisações cerebro-spinaes da malária, e da decomposição do sangue — Medicação phosphorada. A intoxicação malária é sobre tudo caracterizada por uma perturbação nervosa. O veneno exerce uma acção violenta, rapida e muito especial sobre a cellula nervosa; tambem as modificações experimentadas por o systema cerebro-spinal, as perdas nervosas soffridas durante o curso do envenenamento palustre agudo, reclamam muitas vezes passados os accessos, a medicação reparadora, o phosphoro. E o mesmo, *á fortiori*, no envenenamento chronico.

N'um e outro caso a quantidade de phosphatos eliminados varia grandemente, assim como a percentagem da urêa; nos intervallos dos accessos agudos da malária como na fórma chronica d'esta doença pode haver uma diminuição ou um augmento na eliminação d'estes

productos, ficando a indicação da medicação phosphorada sempre a mesma: a diminuição prova que a absorpção e a animilação dos principios phosphorados se fazem mal; o augmento indica a eliminação muito rapida d'estes mesmos principios.

A therapeutica e a pharmacologia britannicas dos Estados-Unidos são muito mais ricas em preparações phosphoradas do que as nossas, e tem o recurso d'esta preciosa substancia nos estados neurasthenico, anemico e caracterizado por enfraquecimento geral do organismo. O phosphoro, é, com effeito, o elemento constitutivo e essencial da cellula nervosa, da hematia, dos compostos albuminoides e proteicos. O novo codigo francez, admittiu em 1880 algumas das melhores preparações do phosphoro.

E sabe-se que da commissão de redacção d'este codigo fazem parte, entre outros, nomes como os de Bouchardat, Hayem, Regault, G. Sée, Vulpian, etc.

A honra de ter espalhado o uso do phosphoro pertence, sobre tudo, a Churchil, Parish e a Fellow.

O phosphoro tem um dos primeiros papeis, senão o primeiro na economia vital, papel superior, mesmo ao do ferro; mas o phosphoro, para ser verdadeiramente util hade ser administrado sob uma fórma assimilavel, não irritando o estomago, e é sobre tudo efficaz, quando está ainda no estado oxydavel, como nos diversos hypophosphitos.

«É fornecendo ao organismo o phosphoro no estado oxydavel, em tão grande quantidade como elle pode pedil-o que os hypophosphitos se tornam agentes capazes de augmentar quasi indefinidamente a intensidade da innervação, da hematose e da nutrição molecular, e, por consequencia, de restabelecer, e manter, estas tres funções essenciaes no grau mais elevado compativel com o estado normal do individuo.»

«A acção immediata dos hypophosphitos dirige-se em primeiro logar á innervação, e traduz-se, nos individuos enfraquecidos, por um sentimento, desacostumado de bem estar e de força.»

«O segundo phenomeno é um augmento d'appetite que se torna algumas vezes enorme.»

«A quantidade e a coloração do sangue augmentam d'uma maneira tão rapida, que os hypophosphitos constituem hematogeneos infinitamente mais poderosos que o ferro. No fim d'um tempo assaz curto e variavel, segundo as doses empregadas, e segundo o estado do individuo, este apresenta signaes frisantes de plethora venosa, manifestada por a colorisação da face, a vermelhidão das mucosas, antes descoradas, e o engorgitamento das veias superficiaes.»

Este effeito é muitas vezes assaz accentuado para dar a individuos, que durante toda a sua vida tinham parecido pallidos e lymphaticos, todos os caracteres d'um vigoroso temperamento sanguineo.»

«Nas mulheres a menstruação torna-se mais abundante, mais regular, mais facil.

Nas creanças o crescimento é notavelmente activado, sob a influencia dos hypophosphitos, e ellas não experimentam na época do mais activo crescimento a fraqueza e o enlanguescimento, que se notam tão frequentemente n'ellas, quando são submettidas a más condições hygienicas.» (1)

Os hypophosphitos, que constituem medição phosphorada por excellencia, na convalescença de quasi todas as doenças que arrastam o enfraquecimento do organismo, occupam um logar importante no tratamento das doenças palustres, administrados depois dos accessos, contra a hyposthenia; como prophylaticos nas regiões perigosas; e contra a fórmula chronica da doença, para remediar a perversão da nutrição intima dos tecidos devida tanto ás perdas nervosas como á decomposição do sangue.

As contra-indicações ao emprego d'esta medicação são conhecidas, mas como é importante tel-as bem presentes, apontamol-as resumidamente.

São as seguintes:

- Um estado febril, congestivo, ou inflammatorio agudo;
- Uma hemorrhagia activa epistaxis, hemoptyses.

(1) Churchill.

—Quando o doente fôr cardiaco, ter-se-ha toda a prudencia.

Ponhamos agora as regras, segundo as quaes devem ser administrados os medicamentos phosphorados.

—Deve-se começar sempre por fracas doses; e não se continuará esta medicação além d'um periodo rasoavel — algumas semanas — depois da qual será interrompida para ser continuada mais tarde.

—O hypophosphito de soda convém melhor aos individuos irritaveis, dispostos a congestões, a hemorrhagias; e áquelles cujo erectismo vascular se desenvolve facilmente: A acção d'este sal é mais moderada do que a do hypophosphito de cal, que convém melhor aos lymphaticos, aos escrophulosos, ás creanças, ás raparigas na idade critica, ás mulheres durante a gravidez e o aleitamento.

Estes dois saes poderão alternar com vantagem em muitos casos; ou mesmo empregarem-se associados na mesma preparação.

Podem ser formulados em xaropes a 1 por 100, sendo as doses d'esta preparação as seguintes: Um quarto de colher de chá, até 2 annos; meia colher de chá, entre 2 e 4 annos; uma colher de chá, ás creanças d'ahi para cima; d'uma colher de sopa para os homens e de meia colher de sopa para as mulheres. Estas doses são tomadas duas vezes por dia, em agua ou outro liquido apropriado.

«O hypophosphito de ferro é preferivel ao

phosphato. É um dos melhores ferruginosos, e o *reconstituente completo* da dematía.»

Este sal pôde ser substituído por o hypophosphito de manganez, nos casos em que o ferro não possa ser recommendado: este hypophosphito tem uma acção especial sobre a secreção hepática, e a sua administração é sobre tudo indicada nas affecções do figado resultantes d'um estacionamento prolongado nos paizes quentes.» (1)

«O hypophosphito d'ammoniaco, (activo contra a tosse); é um util adjuvante no tratamento das variedades thoraxicas, e das spasmodicas, caracterisadas por a tosse, a aphomia. Este sal será preferivelmente dado em pastilhas.» (2)

Os diversos hypophosphitos mencionados podem frequentemente ser reunidos n'uma mesma preparação, e é muito usado o xarope composto d'hypophosphitos, de que damos as formulas a seguir:

1.^a Formula do xarope d'hypophosphitos, composto de Churchill:

R. — Hypophosphito de cal, hypophosphito de soda, hypophosphito de potassa, hypophosphito de ferro, acido hypophosphoroso, dissolvidos em xarope de assucar na proporção de 1 por 100 de xarope; *i-e.* — 20 grammas de xaro-

(1) Churchill.

(2) Sleid.

pe contém 20 centigrammas da mistura d'estes saes.

2.^a Formula do *chamado* alimento chimico de Parish:

R. — Hypophosphito de cal, hypophosphito de soda, hypophosphito de potassa, hypophosphito de ferro com xarope de assucar corado com cochanilha, em proporção correspondente por colher de chá, a 13 centigrammas do sal de ferro e a 6 centigrammas dos outros saes.

Dos outros compostos phosphorados, já fallamos do hypophosphito de quina, e não mencionaremos mais do que o phosphato libasico neutro assimilavel, obtido por via humida, sob a fórma d'um precipitado gelatinoso. Misturando-se parte d'este sal com duas d'assucar obtem-se um pó branco, agradável ao gosto; este sal tem assim menos cohesão, e é mais facilmente atacada por os liquidos digestivos. As propriedades absorventes d'este producto tornam-o util no tratamento das diarrheas e da dysenteria que complicam tão frequentemente a malaria. Dóse: para adultos, duas colheres de sopa por dia; para creanças, duas colheres de chá, tomadas em leite, café, cacau ou tapioca. (Thibault).

Tratamento do estado gastrico infeccioso: ipeca e apomorphina. — Os vomitivos, de que muito se tem usado e abusado, inuteis, senão

perigosos nas fórmas nervosas da doença, não devem ser empregados senão quando haja necessidade de evacuar o estomago, ou houver a dominar a scena o catarrho gastro-intestinal.

N'estes casos, dê-se preferencia á ipeca, se ella poder ser administrada; senão faça-se uma injeccão d'apomorphina.

Fóra das indicações citadas, é, pelo menos, perder um tempo precioso o administrar os nomitivos; porque o catarrho ligeiro é geralmente modificado, e rapidamente, pelo emprego directo da quina, ou do phenol, ou d'ambas estas substancias simultaneamente, ou successivamente.

Tratamento dos vomitos — Oxalato de cerium. Hyosciamina, cocaina, laudano e derivados do opio, agua chloroformada. Gelo, intus e extra, sobre o rachis. Revulsivos sobre o epigastro e figado, etc.

«O oxalato de cerium tem uma efficacia superior á de todos os outros anti-spasmodicos que nós empregamos», diz Pepper.

«Em centenas de casos de vomitos graves não tivemos quasi senão resultados felizes, e muitos doentes deveram certamente a cura a este remedio.»

E' um medicamento que póde administrar-se sem perigo nenhum, vantagem d'uma grande importancia, dada a sua efficacia.

Cheeseman dá-o na dóse de uma gramma, algumas vezes por dia, «sem outro effeito desagradavel senão uma ligeira seccura da bocca

e da garganta, e com o beneficio de fazer repousar, e mesmo dormir, os doentes. »

Pepper administra-o assim: Em doses de 5 a 10 centigrammas em pó, em capsulas, ou em pilulas molles preparadas no momento da administração; estas doses sendo geralmente tomadas com intervallo de um quarto de hora, até effeito — não precisa este medicamento nunca de passar além de $\frac{1}{4}$ 50.

Quando os vomitos são periodicos, dá-se o medicamento da mesma maneira, mas começando tres horas antes d'aquella em que os vomitos começaram no ultimo accesso. Este medicamento é ainda utilmente associado á quinina na fórma larvada spasmodica, caracterizada por a tosse; e elle tem mais a vantagem d'actuar indirectamente como hypnotico, como já sabemos. «É um medicamento precioso», diz Pepper.

O valerianato de cerium empregado com proveito por Tarnier, Blondeau e outros, exerce uma acção antispasmodica sobre o estomago, analogo á do oxalato, e é sobretudo util nas raparigas, nas mulheres quando ha congestão uterina ou ovarica, metrorragia infecciosa e na dyspepsia nervosa dos paizes quentes, na insomnia, na tosse, nas hemicraneas infecciosas da fórma larvada nevralgica, ligadas ás perturbações funcionaes do estomago, ou do utero.

E' apenas para lembrar que a quinina fica, bem entendido, n'este caso, como sempre, o

medicamento principal, que actua contra a intoxicação, causa dos spasmos. E, podendo combater-se ao mesmo tempo a causa e o symptoma, o sal de quina melhor indicado e mais util é o bromydrato.

Entre as substancias que são empregadas para combater os vomitos, mencionemos ainda, como sendo d'uma utilidade incontestavel: o acido phenico, a cocaina, a tintura d'iodo, o laudano, a morphina, associada á atropina, a creosota, a agua chloroformada, o extracto fluido de viburnum prussi-folium, os bromuretos, as aguas gazozas, a poção de Rivière e preparações analogas, sobretudo geladas, o champagne *frappé*, os fragmentos de gelo, derretidos lentamente na bocca, os revulsivos e mesmo os vesicatorios e as pontas de fogo sobre o epigastro e sobre o figado, o gelo sobre o rachis.

A hyosciamina d'Adrian, um granulo de quarto em quarto d'hora, até seis ou oito, e mesmo mais; a tintura d'iodo, dez gottas em meio copo d'agua assucarada, esta dóse repetida tres ou quatro vezes, segundo os casos e os effeitos; estes dois medicamentos dão frequentemente bons resultados.

O chlorydrato de cocaina, uma ou duas centigrammas em uma ou duas colheres de sopa d'agua assucarada, um quarto d'hora antes da administração da quinina por a bocca, impede muitas vezes que este medicamento seja repostado.

Á falta d'outro meio a poção de Rivière e algumas gottas de laudano teem utilidade.

Os vinhos brancos gelados, o champagne *frappé* são meios casos pouco efficazes, e assim também as aguas gazozas do commercio: não se devem empregar, senão na falta dos outros meios de que temos fallado. E os vinhos devem naturalmente ser evitados, se ha congestão ou lesão renal.

Accrescentemos que a alimentação será fria ou muito quente, e nunca tépida.

E ao lado d'estes meios de tratamento interno, lembremos os meios externos, que deixamos já mencionados.

Tratamento dos estados infecciosos gastro-intestinaes — Purgativos ligeiros, bicarbonato de soda e sumo de limão. Saes refrigerantes. Sulfito de magnesia, como desinfectante e como laxante. Calomelanos e pilulas azues.

Entre os evacuantes intestinaes ligeiros, tendo também uma acção favoravel sobre o fígado e os rins, dão bons resulados os pós de Sedlitz, o sumo de limão, junto a uma solução de bicarbonato de soda; os saes refrescantes de Lamplough e Enos considerados muito uteis pelos inglezes na India, e, principalmente, a agua de Hunyadi-Janos.

A' falta d'uma agua mineral d'este valor póde empregar-se o sulfato de magnesia n'uma pequena quantidade de limonada ou mesmo d'agua, juntando 2 grammas de chlorato de potassa, para solver melhor o sulfato de magnesia.

Esta agua, adiccionada ou não de sumo de limão, é sempre um laxante efficaz sem ser muito desagradavel. Póde tomar-se tepida.

Nos casos de embaraço gastrico póde-se vantajosamente, completar o effeito d'estes purgantes ligeiros por a solução de sulfito de magnesia: 15 ou 20 grammas por litro d'agua, a tomar no dia.

Augmentando pouco as proporções do sal, póde obter-se o effeito laxante ou purgativo que se desejar.

Do sulfito de magnesia diz Pepper: «O sulfito do magnesia parece-nos muito pouco empregado.»

«E é para extranhar e lamentar que assim seja: porque nós não conhecemos nenhum meio mais efficaz e mais prompto para remediar o estado gastro-intestinal.»

Nos estados gastro-intestinaes mais intensos e mais graves das variedades remittentes biliosas tem preferivel applicação os calomelanos para obstar ao engorgitamento do figado, ou combatel-o: altamente conceituadas por os medicos inglezes (Martin, Boyle) e francezes (Benoit, Dutrolau) e muito empregados tambem pelos nossos medicos, as pilulas azues (Pepper); e a ipeca (Dutrolan) são proveitosas no estado bilioso confirmado.

Dos effeitos da ipeca n'estas circumstancias, diz Dutrolan:

«A bilis dos vomitos e das dejeccões torna-se a principio menos abundante, toma uma côr

amarellada, e não tarda a desaparecer; as urinas biliosas ou sangrentas modificam-se muito rapidamente e d'uma emissão para outra tornam-se limpidas e menos abundantes.»

Pepper emprega os calomelanos, as pilulas azues e o aloes.

E faz uso d'estas substancias tambem na comvalença, e como prophilacticas.

O aloes, tem sido administrado em doses d'alguns centigrammas ás refeições de tempos a tempos, durante doze ou quinze dias; presta bons serviços na forma chronica da doença, assim como no estado particular de receptividade, constituindo a imminecia morbida, quando o individuo accusa peso de cabeça, junto a um estado bilioso. (Pepper).

Tratamento dos symptomas infecciosos e da localisação hepatica. Cholagogos, revulsivos sobre o figado.

As pilulas azues são vantajosamente administradas de tempos a tempos contra o estado bilioso que precede tão frequentemente o accesso, e que mais frequentemente ainda se produz entre os accessos agudos que terminam, e o começo da cachexia.

Uma pilula azul de 20 centigrammas, dada de noite quatro horas depois da ultima refeição é sempre seguida no dia seguinte d'um effeito purgativo ligeiro.

Póde-se juntar um cholagago-purgativo a esta pilula.

Na cachexia, Pepper emprega muito contra

os estados diversos e successivos de perversão nutritiva funccional do figado e dos rins, Pepper, diziamos, emprega muitas pilulas compostas de ãã duas centigrammas de pilula azul, de pó de digitalis e de pó de scilla e belladonna, quatro ou seis por dia, e algumas vezes mais, durante mais ou menos dias a seguir ou com dias intercalares, segundo as indicações.

As indicações dos calamulanos são as mesmas. O podophyllino, o rhuibarbo, a scammonia, o aloes, e principalmente a evonymina triegueira são igualmente uteis contra estes estados hepaticos e gastro-intestinaes.

A evonymina é, a mais importante d'estas substancias; o uso d'ella póde ser prolongado durante um tempo quasi illimitado; é um estimulante e bom regulador das funcções hepaticas e um laxante doce e não irritante. Westcott considera este medicamento como o melhor laxante preparatoria que se póde administrar, antes do uso do sulphato de quinina.

Pepper, depois de o usar seis annos, reputa-o como o melhor cholagogo que póde empregar-se na malaria chronica.

Dez centigrammas tomados á noite, ao deitar, são uma dóse sufficiente, á qual se póde juntar um ou dois centigrammas de extracto de belladonna. Estas pilulas devem ser preparadas á medida que se forem usando, ou em confeitos.

Ao lado d'este tratamento interno, ha o tratamento externo. Nos estados gastro-hepaticos

caracterisados por regorgitações, vomitos biliosos, nas obstrucções fluxionarias do figado assim como na congestão passiva do começo da cachexia e na steatose oligocythemica do figado; os revulsivos nas regiões epigastica ou hepatica, os vesicatorios deixados, mais ou menos longo tempo e renovados varias vezes com intervallos convenientes, as pontas de fogo constituem frequentemente um dos elementos mais importantes do tratamento.

É evidente que os revulsivos são sobretudo applicaveis quando se trata d'uma inflammação recente. É assim que elles tambem são uteis nos engorgitamentos que pôdem proceder os abcessos nas cirrhoses hypertrophicas recentes.

Na hypertrophia do figado tambem são vantajosamente administradas algumas gottas d'acido chlorydrico, ou melhor de agua *regerb* (?) sufficientemente dilluidas e dadas cada dia durante alguns dias (Pepper).

Tratamento das complicações diarrheicas e dysentericas da malaria. — Pó de Mirobalans. Bismutho e naphthol. Calomelanos e ipeca.

Pepper reputa grandemente os pós de Mirobalans, muito empregados no Oriente, e que, segundo elle, teem uma grande efficacia na dysenteria. E emprega-os ha alguns annos, e dá-lhes todo o valor desde que este medicamento «o ajudou a triumphar d'uma dysenteria da Cochinchina, rebelde a todos os tratamentos.» É importante a observação d'este medico, a respeito do caso alludido.

O naphtol com que o professor Bouchard enriqueceu a therapeutica actual é «o melhor antiseptico insolúvel que se póde empregar para realisar a antiseptia intestinal. Não tem acção irritante sobre o estomago, nem sobre o intestino, antiseptia absoluta, inocuidade completa, 2,50 por dia bastam e a dóse toxica é de duzentas grammas (Bouchard).

Este professor recommenda que se dê o naphtol muito dividido em doses fraccionadas, administrado d'hora a hora.

Ao naphtol associa-se com vantagem o bismutho.

Uma gramma de calomelanos misturados com uma gramma de pó d'ipeca em suspensão n'uma poção gommosa de 125 grammas, para tomar de dez em dez minutos, meia colher de chá, é uma medicação tambem efficaç e muito empregada por os inglezes. Estes dão frequentemente cinco centigrammas de calomelanos associados a uma centigramma de opio, a tomar de hora a hora, durante quatro ou oito dias a seguir (!)

Lemoine emprega o sublimado em clyster, 1 por 3:000.

A absorpção por o recto é muito mais rapida do que por o estomago. N'estes clysteres o mercurio actua localmente (Lemoine), ou d'uma maneira d'algun modo especifica (professor Lepine), ou d'um modo geral contra a infecção malarica e a dysenteria (Rousseau)? Seja como fôr este meio é tambem efficaç, mas menos do que

os calomelanos administrados por a bôca. (Pepper).

Os clysteres de alumen, como 15 grammas, teem sido recentemente preconisados de novo por Norbury. (1)

Do tratamento d'outras complicações não nos occupamos, — por não ter nada d'especial esse tratamento.

IV — Succedaneos da quina

N'este periodo, — de prodigiosa fecundidade —, das descobertas de novos remedios, de melhores remedios para allivio da humanidade soffredora, os doentes de malaria teem, já, á sua parte, farta lista e variada.

O *arsenico*, o *tannino*, o *iodo*, o *acido phenico*, o *eucalyptus*, os *sulfitos* e os *sulfatos*; o *acido salicylico*, o *salicylato de soda*; a *salicyna*, a *berberina*, a *pereirina*, a *bussina*; a *resorcina*, a *thallina*, a *antipyrina*; a *strychnina*, a *pilocarpina*; o *nittrato de potassa* (Hunter, de Nova Orleans); a *phenacolla*, a *phenol resorcina*; o *acido carboazotico*, o *acido mimotannico*, o *carboazotato d'ammoniaco*; o *azul de methylena* (Guttmann e Ehrlich); — o sal e o limão; a grande ortiga, o narciso dos prados; e raizes e cascas varias; as teias d'arachnideos,

(1) Med and surg reporter, february, 1890.

as conchas de molluscos, e ossos de cephalopodos: todos estes, e ainda mais, tudo isto teem sido empregado como remedio na malaria!...

De tanta cousa, porém, só merecem attenção, por os nomes que os apresentam, e mais ainda, por os resultados consignados em muitas observações, o acido phenico (em injeccões), (Ad. Nicolas, Pepper, Declat, e outros); a strychnina, associada ao arsenico (Bensseau, Pepper, Agussol); e, ainda, o acido mimotannico (Bourlier) experimentado, com horas resultados, no H. de Dey, e nos Hospitales d'Algeria.

Concluimos.

PROPOSIÇÕES

Anatomia—Os esqueletos dos dois sexos apresentam características diferenças.

Physiologia—O rim não tem a sua função exagerada nos paizes quentes.

Therapeutica—No tratamento da malária, preferimos a administração da quinina pelo methodo hypodermico.

Anatomia pathologica—Perante a Anatomia pathologica a malária é uma doença fundamentalmente destruidora do sangue.

Pathologia geral—Admittimos as séries morbidas.

Medicina operatoria—A antisepsia, —elemento d'exitto na pratica operatoria — não tem este valor nos paizes palustres.

Pathologia externa—Em caso d'intervenção cirurgica o prognostico é muito mais grave nos paizes palustres do que fora d'esse meio.

Pathologia interna—A investigação do hematozoario de Laveran não é um bom meio de diagnostico da malária.

Partos—A mulher grávida está em más condições nos paizes palustres.

Hygiene—Julgamos util a criação de sanitarios fluctuantes, ou á beira-mar, nas nossas possessões d'Africa.

Visto,
Dr. Souto.

Póde imprimir-se.
O director,
Wenceslau de Lima.